

*Paulina*

## II. ACCÃO POLITICO-IDEOLOGICA

Após a criação dos nossos Estados e a libertação total dos nossos países, a organização do Partido tem sido prejudicada pela prioridade que se teve de dar ao Estado no que respeita à distribuição dos quadros. Tal situação, que resultou da necessidade de tomarmos nas mãos e fazermos funcionar, tão eficazmente quanto possível, os mecanismos do aparelho do Estado, não podia deixar de reflectir-se, em termos negativos, no desenvolvimento da organização e no funcionamento do Partido.

No entanto, mais do que essa circunstância, a razão profunda das insuficiências actuais da nossa organização encontra-se, antes, na carência geral de formação dos nossos militantes e, em particular, dos nossos quadros, principalmente nos planos político e ideológico.

Tendo-se preocupado sempre com a elevação do nível de formação dos membros do Partido e, em particular, dos nossos responsáveis, o saudoso camarada Amílcar Cabral soube, em termos lapidares, chamar a nossa atenção para a importância do esforço que cada um de nós devia fazer para o melhoramento da sua formação teórica:

"Exigir aos responsáveis do Partido que se dediquem seriamente ao estudo, que se interessem pelas coisas e problemas da vida e da luta no seu aspecto fundamental, e não apenas nas suas aparências. Obrigar cada responsável a melhorar dia-a-dia os seus conhecimentos, a sua cultura, a sua formação política. Convencer cada um de que ninguém pode saber sem aprender e que a

pessoa mais ignorante é aquela que "sabe" sem ter aprendido. Aprender na vida, aprender junto do nosso povo, aprender nos livros e na experiência dos outros. Aprender sempre".

Mais importante, porém, do que detectar o mal, é cumprir a obrigação revolucionária, que se nos impõe, nesta fase ainda mais complexa da nossa luta, de lhe encontrar o remédio. E este não poderá ser senão o desenvolvimento de um esforço, tanto no plano individual como no quadro do Partido, no sentido de superar nos a deficiente preparação ideológica e de cultura geral dos nossos responsáveis.

Neste quadro, a iniciativa e o esforço individual de formação são essenciais.

Os nossos responsáveis devem dar um combate sem tréguas ao fenómeno muito generalizado da aversão à leitura e ao estudo sério e compreender que, se uma formação puramente livresca, mal assimilada, desgarrada das nossas realidades, é despida de valor revolucionário, também não é menos certo que o simples entusiasmo, a boa vontade ou o simples facto de "sermos Partido" em nada nos ajudará a resolver os inúmeros problemas com que nos deparamos, dia-a-dia na marcha da nossa luta e na vida do nosso Partido e dos nossos Estados, e cuja solução muitas vezes exige, além de uma sólida preparação política e ideológica, um somatório de conhecimentos gerais e científicos só possível de acumular no estudo paciente, contínuo e aprofundado.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se que cada um de nós se esforce por cumprir a palavra de ordem contida nesta frase que Cabral nos deixou:

"Lembrar sempre de que um bom militante (como um bom cidadão) é aquele

... ..

.../...

que faz bem o seu dever. É aquele que, além de fazer o seu dever, consegue melhorar-se cada dia para ser capaz de fazer mais e melhor."

No seu esforço de superação ideológica, os nossos quadros devem, em primeiro lugar, dedicar-se ao estudo aprofundado da ideologia do Partido, consubstanciada na obra do nosso imortal guia, Amílcar Cabral.

É, com efeito, penoso verificar que são poucos os quadros do Partido - mesmo quadros dirigentes - que se dedicam a esse estudo de maneira séria, aumentando assim a sua capacidade para analisar e solucionar, sem desvios à linha do Partido, os problemas com que se defrontam nos postos de responsabilidade que ocupam nos aparelhos do Partido ou dos Estados.

A acção de elevação do nível político, ideológico e geral, que deve ser empreendida por cada um de nós, deve completar-se com um esforço de formação dos militantes e quadros desenvolvido pelo próprio Partido. Nesse sentido, deve desenvolver-se no seio do Partido - e em todos os níveis - o hábito da discussão e do estudo de temas ideológicos e políticos nas reuniões regulares dos seus organismos.

A Direcção do Partido deve, além disso, promover, através dos Departamentos competentes, a realização frequente de estágios e seminários e organizar cursos de formação política para militantes e para quadros responsáveis e dirigentes. A este propósito pode referir-se a interessante experiência, levada a cabo em Santiago, de organização de cursos elementares de "fim de semana", dirigidos aos militantes de base e ministrados por quadros do Partido integrados na Função Pública.

Neste momento em que já não possuímos a grande escola que foi a luta de libertação nacional e em que, mais do que nunca, é premente a urgência de elevar o nível dos nossos quadros, deve a Direcção do Partido analisar seriamente a ideia, por todos acalentada, da criação de uma Escola do Partido.

Centenas de camaradas nossos, beneficiando de possibilidades oferecidas ao nosso Partido, passaram já por Escolas Políticas em países

amigos, onde puderam receber uma formação que, tendo sido útil à sua preparação, não deixou de ser marcada pelas carências sempre visíveis em estudos deste tipo feitos no estrangeiro e obedecendo, portanto, a programas, métodos e orientações que, normalmente, não puderam ter em conta as realidades próprias. A agravar estes inconvenientes, foi, sem dúvida, decisiva a limitação representada pelo baixo nível geral dos camaradas que frequentaram essas Escolas, o que não lhes permitia a necessária adaptação do conhecimento teórico adquirido ao meio e ao processo em que a sua actividade prática deveria inserir-se e desenvolver-se.

A criação de uma Escola do Partido permitir-nos-ia formar, no país, os nossos militantes e quadros de base e médios, superando-se, assim, os inconvenientes atrás referidos. A formação no exterior ficaria reservada a quadros superiores que, levando consigo uma formação que lhes permitiria um melhor aproveitamento, estariam mais aptos a fazer uma aplicação correcta dos conhecimentos adquiridos no estrangeiro.

Trata-se de uma questão de importância que propomos formalmente à consideração do CSL.

Para cumprir o seu papel de vanguarda do nosso povo, o nosso Partido deve não só ter uma ideologia de vanguarda mas também ter uma prática de vanguarda.

Muitos militantes - e até mesmo responsáveis e dirigentes - ainda não compreenderam bem qual a responsabilidade que lhes cabe, como membros do PAIGC, no processo que o nosso povo vive



nesta fase da nossa História, e que o nosso Partido, que assumiu a responsabilidade de força dirigente da nossa sociedade, tem a obrigação de conduzir correctamente. Esquecem, nomeadamente, que, para podermos guardar o título e o papel de vanguarda do nosso povo, devemos merecê-los, a cada instante, perante nós mesmos e perante os demais, seja pela nossa acção conjunta, como Partido, seja pela acção e comportamento individuais, de cada um de nós, como militantes.

O camarada AMILCAR CABRAL, para quem a primeira preocupação do Partido devia ser "formar os homens", manteve, até ao momento da sua morte, uma luta implacável contra os comportamentos incorrectos, contra os desvios à linha de conduta apontada ao verdadeiro militante do nosso Partido, como elemento de vanguarda do nosso povo. Não devemos esquecer a maneira franca, revolucionária, aberta, "olhos nos olhos", mas também enérgica e resoluta com que o camarada CABRAL, sempre pronto a compreender as fraquezas humanas, criticava uns e outros, procurando conduzi-los ao caminho do verdadeiro serviço do Partido e da Luta.

Estas palavras pronunciadas pelo nosso imortal guia, conservam toda a sua força e actualidade :

"Os responsáveis devem acabar definitivamente com o espírito de criancice, de irresponsabilidade, de vida descuidada, de amizade baseada na "boa-vai-ela", para encararem a vida com seriedade, com plena consciência das responsabilidades, com a preocupação de cumprir bem, com camaradagem baseada no trabalho e no dever cum-

prido - como verdadeiros responsáveis dum Partido e do nosso Po-  
vo. Tudo isso não é contrário à alegria de viver, ao amor à vida  
e às distrações, à confiança no futuro, que devem animar a nossa  
acção, a nossa luta e o trabalho de cada um."

Hoje, se, no termo de um longo caminho percorrido no com-  
bate implacável que demos ao inimigo colonialista, ao imperialis-  
mo e aos seus agentes internos, podemos estar orgulhosos das nos-  
sas vitórias, torna-se mais do que nunca indispensável que cada  
um, pondo a mão na própria consciência, meça também, em termos  
correctos, os nossos resultados no combate contra as nossas pró-  
prias fraquezas.

Mais do que nos tempos difíceis da luta armada de liber-  
tação nacional, os responsáveis e dirigentes do Partido devem  
analisar a sua conduta na nossa sociedade e avaliar, constante-  
mente, se ela é compatível com as suas responsabilidades no Par-  
tido e com as altas funções que, em geral, assumem nos Governos  
e Administrações dos nossos países hoje soberanos e livres.

Cumpre-nos aqui lembrar um facto importante da nossa lu-  
ta no decurso do período que se seguiu à última reunião do CSL :  
referimo-nos à reunião do CEL que, sob a presidência do Secretá-  
rio-Geral, teve lugar em Bissau a 30 de Abril e 3 de Maio do cor-  
rente ano.

Analisando a situação no interior do Partido, o CEL cha-  
mava a atenção para a necessidade de "uma vigilância permanente  
em relação a tudo quanto é contrário à orientação deixada pelo

Fundador e Militante Nº 1, AMILCAR CABRAL", e apelava para o "com<sub>u</sub>bate implacável, no seio do Partido, à demagogia e ao revolucionarismo barato que promete o que, no imediato, as sequelas do colonialismo não permitem realizar."

Toque de alarme contra certas tendências negativas detectadas no seio dos responsáveis, o documento do CEL apelava também "para a vigilância permanente dos militantes, responsáveis e dirigentes frente ao perigo que representa o exercício de actividades lucrativas para a sua total dedicação à causa superior da realização dos objectivos do nosso Partido."

Vemos, camaradas, a complexidade dos problemas que, somando-se às nossas pesadas responsabilidades no quadro dos Estados, exigem a nossa atenção para mantermos o nosso Partido no lugar que lhe cabe como vanguarda autêntica do nosso povo. Face a tão pesadas responsabilidades, temos de repetir, como o nosso saudoso camarada CABRAL :

"A democracia revolucionária exige que combatemos o oportunismo, a tolerância diante dos erros, as desculpas sem fundamento, as amizades e a camaradagem com base em interesses contrários aos do Partido e do povo, a mania de que um ou outro responsável é insubstituível. Praticar e defender a verdade, sempre a verdade, diante dos militantes, dos responsáveis, do povo, sejam quais forem as dificuldades que o conhecimento da verdade possa criar."

Temos, pois, camaradas, na nossa vida de todos os dias, normas que não podemos violar.



Todos nós, qualquer que seja o nosso nível de responsabilidade, temos de prestar contas sobre a nossa conduta, tanto na actividade partidária e pública como no plano privado.

Temos, pois, de combater, nas nossas relações, o amiguismo e o liberalismo, e de nos exigir mutuamente responsabilidades. Porque o Partido deve pertencer efectivamente - e como nos ensinou CABRAL - "àqueles que são capazes de torná-lo cada vez melhor."